

EDITORIAL

Cidades, raça e emergências na África e na diáspora

Céline Veríssimo

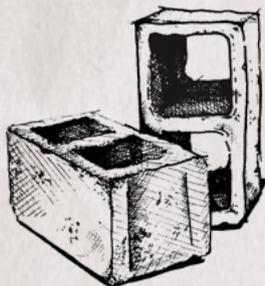
DAMG/UPT, PPGPPD, CAU e MALOCA / UNILA, ¡DALE! / UFBA

João Soares Pena

UNEB ¡DALE! / UFBA

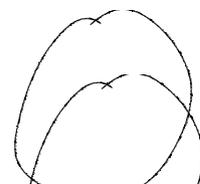
Murad Jorge Mussi Vaz

¡DALE! / UFBA, MALOCA / UNILA, DEAAU / UTFPR



Esta publicação é a última parte do **Dossiê: Cidades Africanas**, apresentado na **Laje** por uma divisão em três números: **Volume 1 – Cidades e arquiteturas na África** (v. 1, n. 1, 2022), **Volume 2 – Cidades e arquiteturas afrodiaspóricas** (v. 2, n. 1, 2023) e **Volume 3 – Cidades, raça e emergências na África e na diáspora** (v. 2, n. 2, 2023). Os três volumes do dossiê reúnem um total de 59 autores e autoras provenientes de 18 países, demonstrando nosso esforço para promover um debate amplo, abordando variadas realidades em três continentes (Figura 1). Embora a maioria dos autores e autoras esteja vinculada a universidades, também buscamos dialogar com quem ocupa outros espaços, sobretudo no ativismo antirracista, trazendo a perspectiva de quem não apenas vive as questões aqui discutidas, mas que também se coloca na linha de frente das lutas por mudanças sociais e, especificamente, no tocante às questões urbanas.

Este terceiro volume oferece às leitoras e aos leitores do periódico – organizado pelo **iDALE! – Decolonizar a América Latina e seus Espaços**, grupo de pesquisa vinculado ao **PPG-AU/FAUFBA** – um conjunto de análises que trazem para o debate, de maneira seminal, as múltiplas dimensões e visões de mundo construídas a partir das lutas pela vida na África e na diáspora, na contracorrente das crescentes violências e das ameaças da modernidade. Além do contexto africano, a discussão se estende para territórios que perfazem três continentes e com seus desdobramentos efetivos também no contexto brasileiro. Vivemos, na contemporaneidade, crises que se superpõem e se articulam. A mais recente foi a pandemia de COVID-19, que tirou a vida de milhões de pessoas em todo o mundo. Embora todos os países tenham sido afetados, dadas as altas mobilidade e conexão de um mundo globalizado, a capacidade de resposta à pandemia não foi a mesma nos mais diversos contextos. Se alguns países



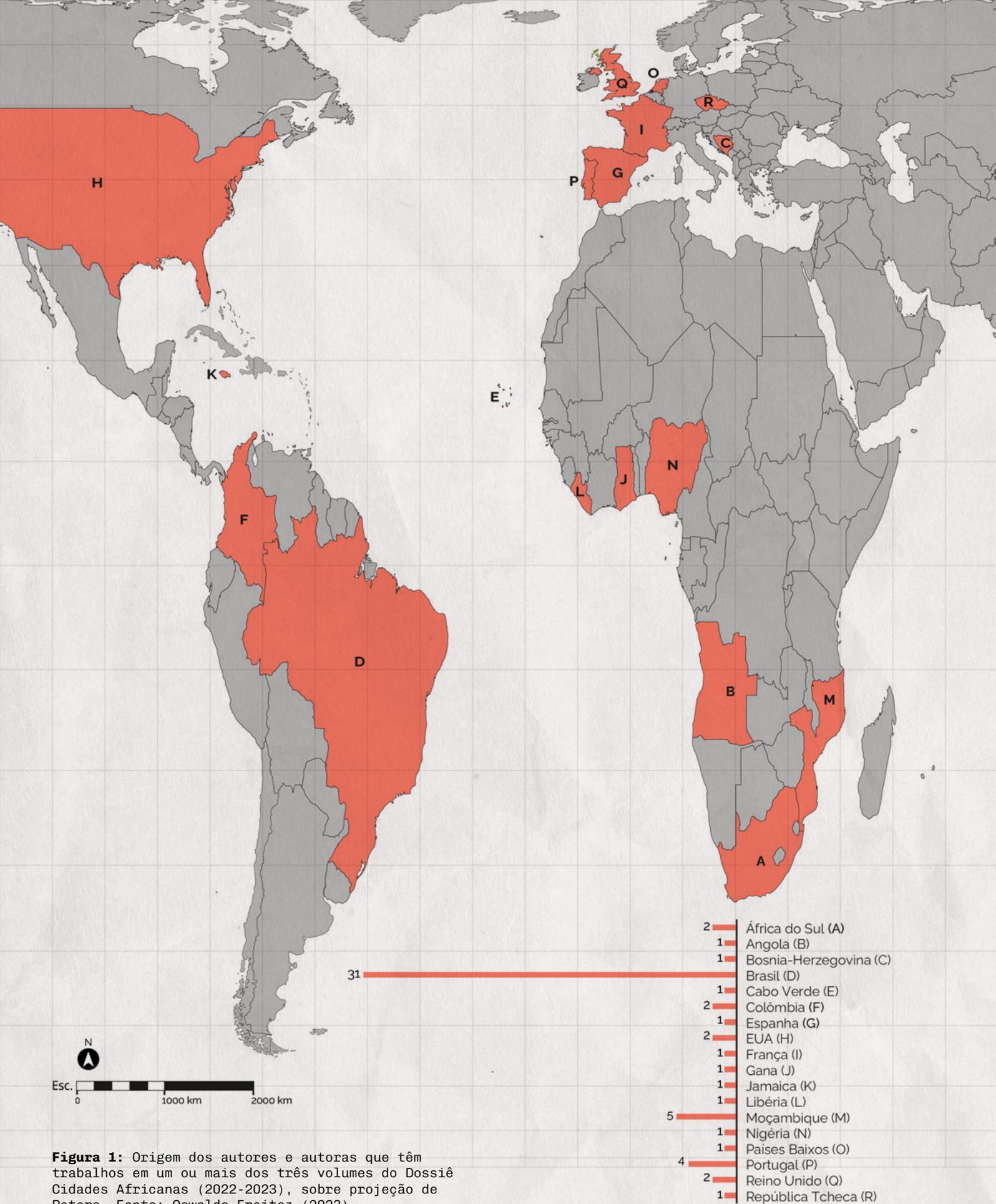


Figura 1: Origem dos autores e autoras que têm trabalhos em um ou mais dos três volumes do Dossiê Cidades Africanas (2022-2023), sobre projeção de Peters. Fonte: Oswaldo Freitez (2023).

contaram com a mais avançada tecnologia médica e com condições econômicas para dar suporte à população, em outros, como o Brasil, houve comunidades inteiras com dificuldade de acesso à água para fazer sua higiene pessoal, por exemplo – algo crucial para evitar o contágio pelo vírus. De igual maneira, a distribuição de vacinas não foi feita de forma equânime, ficando para trás aqueles países com menores condições de aquisição. No Brasil, por exemplo, a distribuição de vacinas foi na contramão da espacialização dos casos de COVID-19. Uma análise da situação em São Paulo mostrou que, embora o número de casos fatais fosse maior na periferia, onde há maioria negra, a maior quantidade de vacinados vivia em bairros de classe média e alta, mais centrais (MARINO et al. 2021).

Essa assimetria revela como opera o racismo, não apenas negando às populações periféricas, negras e pobres o acesso à infraestrutura básica e às benesses urbanas, mas também naturalizando a morte de pessoas que têm sua humanidade historicamente negada, como já observou Fanon ([1952] 2020). Em outras palavras, o racismo define "quem pode viver e quem deve morrer" (MBEMBE, [2003] 2018, p. 5) e as formas de matar ou deixar morrer são as mais diversas. Por um lado, são as periferias urbanas, no Brasil, habitadas por população majoritariamente negra, bem como bairros negros em outros países, que mais sofrem com essa economia racial. Por outro lado, é importante destacar que, a despeito das adversidades, esses locais são fontes de riqueza cultural, de aprendizado, de solidariedade e de esperança para enfrentar o racismo e construir outras possibilidades de sociedade.

Outras questões que o mundo tem enfrentado são a crise migratória, ou crise dos refugiados, como costuma ser chamada; a crise climática e ambiental, que tem sido objeto de discussões em convenções internacionais que pouco têm obtido êxito no sentido de pactuar medidas efetivas; as violências, os conflitos civis e as guerras entre distintas nações. Em um mundo cuja hierarquia social se baseia na raça (QUIJANO, [2000] 2005), os impactos de tais problemas têm sido sentidos de maneira muito mais intensa nos países do Sul Global e pelas populações negras. De igual maneira, a capacidade de resposta a esses problemas é menor nesses mesmos lugares, mas não por acaso. Parte desses problemas é consequência de séculos de exploração e espoliação empreendidas pela Europa, em seu projeto colonial – e, hoje, mais amplamente, por países do chamado Norte Global. Se hoje negros e negras fogem de seus países na esperança de uma vida melhor na Europa, por exemplo, europeus fizeram o movimento contrário no século XX, fugindo da guerra; e, nos séculos anteriores, para ocupar outros territórios e produzir riqueza para a mesma Europa. O aquecimento



global que ameaça a humanidade também é resultado do modo de produção levado a cabo, sobretudo, por países do Norte. É preciso que tais países reconheçam, portanto, sua responsabilidade nessas crises, além de tomar medidas que, de fato, auxiliem na resolução dos problemas – não por caridade, mas porque tiveram e ainda têm um papel central nos eventos que os desencadeiam.

Nesse sentido, neste volume são abordadas dimensões de espaço, cotidianidade, corpos e sujeitos retomando a diáspora através de emergências, insurgências e denunciando as ausências em debates e questionamentos a partir de variados contextos. Estamos diante de discussões que têm na dimensão espacial uma constituição efetiva do racismo estrutural que se materializa em cidades, territórios e arquiteturas, através de práticas e teorias que se mantêm ativas, porém que mudam de estratégias para se manter atuais e presentes. No entanto, as práticas espaciais também revelam formas, heranças, métodos e processos africanos e afrodiaspóricos, oriundos de diversos contextos; e que demarcam espaços de vida, conformando-se a partir de técnicas construtivas, práticas sociais e simbólicas, sejam africanas ou da diáspora, que compõem arquiteturas e cidades.

Na primeira parte deste volume, a seção **Entrevistas**, Maria Paula Meneses, professora em dois programas de doutorado sobre epistemologias do sul no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e, em 2022, pesquisadora visitante na Universidade de Paris 8, França, trava um diálogo com a editora e os editores deste dossiê: Céline Verissimo, João Pena e Murad Vaz. Na entrevista intitulada **Explosões criativas 'africanizando' o mundo**, Meneses partilha momentos determinantes na sua trajetória pessoal e acadêmica. Ela aponta a diversidade do mundo e o Sul Global como o cerne das epistemologias do sul, que espelha uma pluralidade de aspirações políticas, ontológicas e epistemológicas, cujos saberes são validados pelo sucesso das lutas pela descolonização, mediante articulações entre si que fortalecem a solidariedade e o interconhecimento. Meneses aponta que a superação dos sucessivos ciclos de injustiça cognitiva a que este mundo está exposto, demanda a atenção à proliferação de momentos, expressões e lugares de tradução intercultural e interpolítica cujo epicentro é a matriz africana.

Por uma geografia de(s)colonial é o título da entrevista de Renato Emerson dos Santos, geógrafo e professor do IPPUR/UFRJ, concedida a nós, Céline Verissimo, João Pena e Murad Vaz. Ele narra brevemente sua trajetória, marcada pela luta antirracista e pelas disputas para inserir a temática racial na Geografia, campo que considera fundamental para compreendermos o papel do espaço na classificação social dos

diversos grupos na modernidade/colonialidade. Entre suas referências estão teóricos do giro decolonial, mas também intelectuais negros e negras de diversas áreas do conhecimento, que têm se debruçado sobre questões raciais e construído epistemologias negras. O autor faz uma avaliação das mudanças na universidade nas duas últimas décadas a partir da adoção de políticas afirmativas, especificamente as cotas para pessoas negras, uma conquista da luta dos movimentos negros brasileiros. A Geografia também tem sido disputada pelos movimentos negros, mobilizando categorias e instrumentos de representação espacial para a luta antirracista. Para ele, é possível transformar a Geografia numa ferramenta a serviço de lutas anti-hegemônicas, mas considera que descolonizar a Geografia é um horizonte utópico, algo que se insere num projeto de sociedade dedicado à descolonização.

Na entrevista **Racismo, produção de desigualdades e a necessidade de outro fazer político**, realizada por e-mail por nós, Céline Veríssimo, João Pena e Murad Vaz, a arquiteta e urbanista e escritora Joice Berth conta um pouco sobre sua trajetória acadêmica e profissional, bem como as dificuldades enfrentadas. Também aponta questões importantes para refletirmos sobre o campo de arquitetura e urbanismo. Para ela, "estudar África e suas culturas é importante como referência do que fomos e não do que podemos voltar a ser", de modo que precisamos "compreender os mecanismos eurocêntricos que nos constituíram na concepção do espaço urbano". Berth defende uma metodologia própria para lidarmos com as questões urbanas brasileiras, bem como a descolonização das políticas urbanas, a partir da racialização de suas questões. Além disso, tece críticas à práxis na arquitetura e no planejamento urbano, ressaltando a importância da participação social na tomada de decisões, como no caso do que fazer com monumentos em homenagem ou alusão a figuras coloniais que enfeitam os espaços públicos. Segundo a autora, contudo, a utilização massificada de conceitos importantes, como necropolítica, decolonialidade e empoderamento, por exemplo, tem levado a uma perda de sua ideia original, o que enfraquece as lutas sociais. Por fim, ela reflete sobre a falta de representatividade de minorias sociais na política e indica autoras e autores do Brasil que considera terem feito importantes contribuições na perspectiva decolonial.

Por fim, na entrevista, **Refugiados e espaços de inclusão**, com Alexander Kpatue Kweh Sílvia Leiria Viegas, arquiteta, pesquisadora do Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve, em Portugal, traz um relato sensível, em primeira pessoa, de Alexander Kpatue Kweh, Dirigente da União de Refugiados em Portugal (UREP) e Coordenador do Fórum Refúgio Portugal, mediante a apresentação

de cinco tópicos maiores, que variam desde o enfrente da pandemia de COVID-19 ao direito à habitação. Alexander, além de narrar brevemente sua trajetória, desde refugiado na Libéria ainda criança até sua chegada, seu estabelecimento e sua atuação em Portugal, nos traz um panorama histórico e atual das políticas de acolhimento portuguesas, da formação de associações pelos próprios refugiados (de muitas origens) e da formação do Fórum Refúgio Portugal e do Espaço Co-work. Neste espaço trabalham associações de refugiados, o próprio Fórum, voluntários, acadêmicos e sociedade civil, em proximidade com o governo e com as instituições. Ele nos apresenta avanços, dificuldades, barreiras e caminhos alternativos às políticas públicas, através das ações das próprias associações e coletivos de refugiados. Questões cotidianas como práticas culturais, de gênero, língua, atravessam as discussões, desde o acesso aos serviços públicos até o direito à habitação e ao se sentir pertencente.

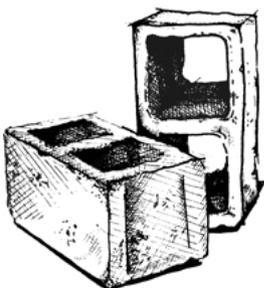
A seção **Artigos** traz uma série de reflexões críticas e consistentes para tensionarmos as múltiplas camadas de colonialidade, dominação e invisibilização estruturalmente vinculadas ao racismo, em suas variadas acepções. Ao mesmo tempo, recupera formas de resistência, emergências e discussões que ampliam o panorama sobre os próprios vínculos teóricos, metodológicos e epistemológicos que constituem chaves de leitura para discutirmos as noções de espaço, cidades, territórios e lugares a partir de referenciais-outras. A primeira delas intitula-se **Bairro negro e o jogo de Mancala na escola** de autoria de Maria Conceição dos Santos França, professora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e de Henrique Cunha Junior, professor no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. O artigo elabora reflexões a partir da associação dos conceitos de *afroetnomatemática* e *bairros negros* – abordando o uso do jogo africano de *Mancala* no ensino de matemática a crianças no âmbito da curricularização de saberes africanos no ensino municipal brasileiro. Como se trata de um jogo de cooperação, o processo colaborativo é um dos vários elementos pedagógicos no combate à opressão do conhecimento eurocêntrico universalista, excludente e discriminatório racista.

Em seu texto **Territórios negros: uma análise sociorracial em tempos de COVID-19**, Diosmar Marcelino de Santana Filho, geógrafo e doutorando da UFF, Emanuelle Freitas Góes, pesquisadora do Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, BAHIA (CIDACS/Fiocruz-Ba), e Andréa Jacqueline Fortes Ferreira, pesquisadora do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC-UFBA), tratam da relação intrínseca entre racismo e sergegação territorial a partir de análises socioespaciais sobre a gestão da pandemia de COVID-19. As autoras

e o autor, ao se debruçar sobre as capitais da Bahia e do Rio de Janeiro, constroem uma fundamental base de dados, cartografias e discussões para compreendermos como o racismo atravessa e constitui os territórios, violando o acesso a direitos e serviços para as populações negras de ambas as cidades. Conforme as autoras e o autor, a ocupação de áreas marginalizadas historicamente demonstra a exclusão alicerçada no mercado de terras e reforçada por políticas públicas e pelo planejamento urbano. Desta forma, cruzando escalas que vão da cidade e dos territórios aos corpos, a discussão empreendida demonstra as múltiplas camadas de violência que se dão sobre indivíduos, sujeitos e grupos, nos impelindo a refletir sobre o cerne de nossas cidades, que: "constituídas na negação da sua amefricanidade não resistirão aos fenômenos em saúde territorial global – esses buscam, no século XXI, o cuidado em humanidade".

Em seguida nosso olhar se volta ao Pacífico colombiano a partir do texto de Gilma Mosquera Torres e Ángela María Franco Calderón, arquitetas, pesquisadoras e professoras da Universidad del Valle, intitulado **Vizinhanças de parentesco: urbanismo, arquitetura e vida coletiva no Afro-pacífico colombiano**. No texto, traduzido por Ariane Fagundes Braga (UNILA) e revisado por Oswaldo Freitez Carrillo (PPG-AU/FAUFBA), pesquisadora e pesquisador do iDALE!, as autoras nos convidam a conhecer as vizinhanças de parentesco: formas solidárias e de cooperação de povoados rurais que são reinterpretadas nos núcleos urbanos. Desta forma, por um lado, demonstram como na Colômbia, um país que se declara multicultural, ainda persistem o desconhecimento e a invisibilização de tradições históricas constituintes da população afro-colombiana; por outro, revelam quais são as estratégias adotadas por esses grupos para resistir. Identificam três conjuntos de ameaças às tradições, aos modos de vida e à ancestralidade, às arquiteturas e aos modos de constituir territórios dos povos afro-colombianos: a persistência da negligência governamental; a exploração sem controle dos recursos naturais; e o deslocamento forçado e as disputas internas pelo território, que atravessam suas existências. A contribuição das autoras é fundamental para que as discussões extrapolem supostas fronteiras nacionais e nos permitam um olhar mais transversal à América Latina e ao Caribe.

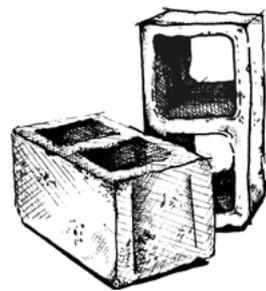
O artigo **A nova imagem das cidades africanas: segregação nos planos urbanísticos e na arquitetura de cidades subsaarianas**, dos arquitetos e urbanistas Fábio Macêdo Velame e Thiago Augusto Ferreira da Costa, ambos pesquisadores do grupo de pesquisa EtniCidades e vinculados ao PPG-AU/FAUFBA, traz uma importante discussão sobre o contexto urbano da África subsaariana e os impactos de projetos urbanísticos recentes. Os autores fazem um panorama histórico das cidades da região,



abordando a colonização europeia e os severos impactos da espoliação do continente durante séculos. A análise centra-se em planos e projetos urbanos em megacidades, grandes cidades e cidades globais de sete países africanos, evidenciando a resultante segregação socioespacial e étnico-racial. Os autores apresentam planos e projetos para novas cidades nesses países, muitas delas consideradas "cidades inteligentes", contando com alta tecnologia, voltadas para o turismo e mirando o mercado internacional de imóveis de alto padrão. Resultado de grandes investimentos internacionais (chinês, europeu e estadunidense, por exemplo), esses projetos não apenas acirram a segregação, mas também mostram a lógica neoliberal na produção desse espaço urbano emergente.

No artigo seguinte, traduzido do original em inglês para o português, por Céline Verissimo, o sul-africano Tariq Toffa, professor de arquitetura na Universidade de Joanesburgo, conduz-nos para **Lugares epistêmicos: ética, transformação e descolonização na educação em arquitetura**, tendo em conta a onda nacional de protestos estudantis em 2015 e 2016 face à autorreprodução do sistema colonial décadas após a abolição do regime do apartheid. Toffa defende uma mudança de ética e imaginação no campo do design arquitetônico e no âmbito das questões colocadas pelo giro decolonial. Para tal, ele começa por analisar as hierarquias disciplinares na educação em arquitetura para identificar possíveis lugares de intervenção epistêmica. Em seguida, busca por lugares onde os conhecimentos "não ocidentais" e "não disciplinares" do Sul Global conseguem ser introduzidos com sucesso para, finalmente, verificar como tais conhecimentos podem enraizar-se profusamente no campo de arquitetura, com vistas a produzir justiça cognitiva "na direção de um 'novo normal'".

Seguimos para **Cabo Verde entre mundos: território, ambiente e narrativas em disputa**, artigo de Andréia Moassab, líder do MALOCA - Grupo de Estudos Multidisciplinares em Urbanismos e Arquiteturas do Sul e professora de arquitetura e urbanismo na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. O texto se atém ao papel colonizador de narrativas que se perpetuam na África, da dominação colonial europeia às forças do mercado internacional. A autora argumenta que a preocupação ambiental por detrás do termo *sustentabilidade* vem sendo usada para que o Norte Global continue a explorar recursos naturais e pessoas no Sul Global, mantendo-se a industrialização, o mercado e o consumo desenfreados. Moassab aponta que tem sido através da produção artística, particularmente de dois coletivos de arte, que Cabo Verde vem se opondo a tal situação. Em primeiro lugar, por se tratarem de obras de envergadura internacional, que denunciam as violências perpetradas por agentes





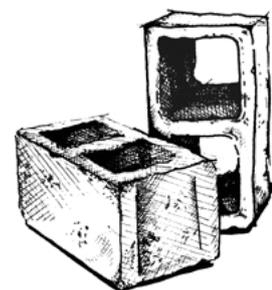
internacionais nos países do Sul Global sob a égide do desenvolvimento sustentável; e, em segundo lugar, por mostrarem o potencial da identidade e da soberania do lugar, neste país. A autora conclui que Cabo Verde precisa colocar a sua africanidade no “centro do mapa”.

Encerramos a seção com a construção de um pensamento crítico sobre o racismo que se perpetua sobre os corpos que atravessam o Atlântico, no artigo **Violência liberal e a fronteira racial da União Europeia**, de Arshad Isakjee, da Universidade de Liverpool, Thom Davies, da Universidade de Nottingham e de Jelena Obradovic-Wochnik e Karolína Augustová, ambas da Universidade de Aston – o texto foi traduzido por Rafael Kalinoski, do Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba (UNIFATEC) e do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PPGTU/PUCPR). Na versão original publicada na revista *Antipode*, os autores e as autoras discutem como a violência racial nas fronteiras europeias contra os migrantes e refugiados contradiz a autoimagem “liberal e pós-racial” propalada pelo continente. A racialização de grupos, seja nas fronteiras da França, seja nos Balcãs, bem como as constantes violações de direitos em múltiplas dimensões demonstram como as relações de colonialidade se perpetuam, adquirindo novas formas ao longo do tempo. O artigo reforça a radicalidade necessária para se reconhecer o papel da raça e da racialização, obliteradas pelos discursos oficiais, nas variadas formas de violência levadas a cabo nas fronteiras e dirigidas àquelas e àqueles definidos “não civilizados”.

A seção **Ensaio** abre com um trabalho radical no que concerne ao entrelaçamento de racismo, violência de gênero, territórios, segregação socioespacial, práticas sociais, culturais e simbólicas com histórias de vida de oito mulheres que trabalham como empregadas domésticas no Rio de Janeiro. Intitulado **“A doméstica de Magé: uma arquitetura em oito atos”**, o trabalho do arquiteto e urbanista Pedro Vitor Costa, do arquiteto, urbanista e professor Cauê Capillé e da arquiteta, urbanista e professora Maria Ayara Mendo, todos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB/FAU-UFRJ), reflete e discute sobre a constituição do cotidiano em que se sobrepõem distintas camadas de racismo, que se processam sobre e a partir da arquitetura, dos espaços e dos territórios – por sua vez constituídos a partir de estruturas de colonialidade que atuam sobre os corpos e os múltiplos tempos que se inter cruzam na constituição da vida. A partir de três dimensões analíticas (a casa, o ônibus metropolitano e o banheiro de empregada), e de oito dimensões temporais, os autores e a autora perguntam: “como projetar diante dessa realidade espacial,

marcada por uma capacidade de criar formas latentes de domínio, para que se possa, ao contrário, fortalecer possíveis desvios, contrapoderes, revoluções?”. Os relatos das oito entrevistadas abrem seus universos íntimos, de expectativas e de sonhos, mas também de desafios e violências, que se traduzem tanto em texto quanto em imagens do belíssimo ensaio.

O segundo ensaio é intitulado **Trajetórias do Hip Hop e da questão racial brasileira: alguns apontamentos**, de autoria de Denilson Araújo de Oliveira, geógrafo e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e discute as dimensões do Hip Hop na sociedade, incluindo sua espacialização nas cidades. O autor traz uma contextualização do gênero musical e de sua inserção no cenário urbano brasileiro, abordando suas diferentes vertentes, a centralidade da questão racial e as apropriações contemporâneas. O ensaio é regado de poesia, trazendo canções de rappers brasileiros que denunciam as mazelas sociais que afligem a população negra, como violência policial, pobreza, encarceramento, racismo, falta de oportunidades, jornadas de trabalho exaustivas, condições de moradia, desigualdades urbanas etc. O Hip Hop participa da dinâmica urbana, seja pelos grafites nos muros das cidades, inscrevendo-se na paisagem urbana, seja pelos eventos organizados em espaços em praças e outras áreas públicas. O autor aborda a apropriação do grafite no âmbito de projetos urbanos que causam gentrificação, por grandes marcas e, de modo geral, pelo capitalismo, retirando a dimensão política dessa expressão artística. No atual contexto, Oliveira trata da emergência de um “rap de direita”, o que para ele é “uma profunda aberração”, ao mesmo tempo “constitutiva e funcional da modernidade brasileira”. Por fim, trata da importância da internet e das redes sociais na contemporaneidade, o que “tem gerado um grande impulsionamento, reposicionando o ativismo antirracista”.



Abrimos a seção **Resenhas** com o texto **Mabata Bata: entre a ficção e a realidade moçambicana pós-independente**, escrito por Larissa Moura Barbosa, acadêmica de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), que apresenta uma análise do filme *Mabata Bata* (2017), dirigido por Sol de Carvalho. A película é baseada no conto *O dia em que explodiu Mabata-Bata*, do escritor moçambicano Mia Couto, e retrata o período de guerra civil em seu país, tendo como fio condutor a história de Azariás, um garoto que desejava estudar, mas tinha que ajudar a família no pastoreio de gado. Para realizar seu desejo, ele foge de casa e diz que somente retornará se lhe for permitido estudar. “Porém, Azariás pisa em uma mina, tal qual o grande boi, e da mesma forma que Mabata Bata voou pelos ares, assim também se vão os sonhos do menino”, diz a resenha. Como tantas outras pessoas, sua

vida foi impactada pela guerra civil que produziu tantas mazelas em Moçambique. A análise de Barbosa também traz os elementos estilísticos e estéticos utilizados pelo diretor do filme, o que nos ajuda a compreender a narrativa. Para a resenhista, o filme é "muito importante para o registro filmico da memória do povo moçambicano".

Para finalizar a seção de resenhas e, de certa forma, encaminhando o dossiê para futuras reflexões, Ana Rita Alves, antropóloga do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, assina **as incrições da branquitude no espaço do apartheid a partir do livro "White papers, black marks: architecture, race, culture", de Lesley Naa Norle Lokko**. Alves faz uma análise consistente de como a arquitetura e o planejamento urbano, através de um olhar que se pretende racional e neutro, mas que se estrutura a partir da branquitude, conduz a uma reprodução da violência racial que se perpetua no espaço. Ao dialogar e refletir sobre a obra da arquiteta, acadêmica e romancista ganense-escocesa Lesley Lokko, a autora analisa os três conjuntos temáticos de textos constantes na obra, trazendo sua leitura incisiva sobre como a arquitetura vincula-se às estruturas de poder; e nos questiona: "*por quem e para quem é a arquitetura?*". Indo além, percorre vínculos estreitos com autores e autoras pós-coloniais e decoloniais, construindo um debate aprofundado sobre as marcas inscritas pela branquitude nos espaços públicos, invisibilizando, seja na academia seja na prática profissional, arquitetos e arquitetas negras, num "*apartheid epistêmico*" – conceito apresentado pela autora a partir de Reiland Rabaka (2010).

Com a organização deste dossiê, nos três primeiros números da novíssima revista Laje, percebemos que ainda há um longo caminho a percorrer. Este percurso envolve múltiplos desafios que vão desde conseguir abranger um amplo espectro de pesquisadoras e pesquisadores que têm investigado a África e a diáspora, tanto questionando as estruturas do racismo quanto enfrentando as colonialidades do saber, do poder e do ser que afetam a todas e todos nós. Pretendemos, ao longo destes volumes, que somam cerca de 1.000 páginas, contribuir para a ampliação do repertório teórico-epistêmico em arquitetura e urbanismo, tendo em conta o debate do urbano em países africanos, bem como a herança social e cultural afrodiaspórica que se materializa nas cidades e se reflete nos usos e nas práticas espaciais. No bojo do racismo e de suas variadas manifestações, inclusive o epistemicídio, os trabalhos recuperam dimensões invisibilizadas da vida social para fazer ecoar não apenas a realidade urbana afrodiaspórica, mas também a importância do saber ancestral e de intelectualidades negras para o pensar-fazer cidades. Nesse sentido, consideramos importante estreitar as relações entre o giro decolonial e as epistemologias negras para avançarmos no debate sobre a modernidade/colonialidade e os variados contextos afrodiaspóricos.

Se é verdade que a modernidade/colonialidade está amalgamada a uma história de violência e exploração, é também verdadeiro que é marcada, ainda, por enfrentamentos, resistências, reinvenções, adaptações feitas pelos grupos subalternizados. Apesar de a violência, nas mais diversas ordens, se perpetuar, o dossiê mostra que também há a permanência de modos de habitar territórios que transcendem a lógica moderno-colonial ou, melhor dizendo, que insistem em existir e nos mostrar que outras formas de relações sociais e com o habitat são possíveis. São tecnologias sociais e afetivas herdadas da ancestralidade negra que apontam caminhos para o que podemos vir a ser. A partir das discussões empreendidas por diferentes autoras e autores, quisemos reforçar também a importância da articulação das lutas antirracista, antissexista e anticapitalista no combate à modernidade-colonialidade – que não é estanque, mas se reinventa para se perpetuar, sendo necessárias investidas conjuntas, coletivas e solidárias para desmantelar o que a mantém.

A discussão não fica por aqui... Queremos finalizar este dossiê com um convite para que outras pesquisadoras e outros pesquisadores se somem a nossos esforços no sentido de possibilitar ao público brasileiros e dos distintos países de língua portuguesa o acesso a textos ainda não disponíveis neste idioma, bem como a divulgação de pesquisas originais que discutam as relações entre questões raciais e espaço urbano. A tradução de textos de pesquisadores e pesquisadoras de países do Sul Global, especialmente da América Latina, do Caribe e da África, embora seja um grande desafio, é fundamental – entre outros motivos, para rompermos com a "história única", como diz Chimamanda Ngozi Adichie (2019), de estigmatização de negros e negras, do continente africano e das comunidades negras na diáspora situadas, por exemplo, em periferias e favelas do Brasil.

Referências

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, (2009) 2019.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, (1952) 2020.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, (2003) 2018.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. in: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, (2000) 2005, p. 117-142.

RABAKA, R. **Against Epistemic Apartheid**. W.E.B. Du Bois and the Disciplinary Decadence of Sociology. United Kingdom: Lexington Books, 2010.